

ESTRATÉGIAS VISUAIS PARA DISCENTES SURDOS EM ESCOLAS INCLUSIVAS NO CAMPO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE TESES E DISSERTAÇÕES

*VISUAL STRATEGIES FOR DEAF TEACHERS IN INCLUSIVE SCHOOLS IN THE
COUNTRYSIDE: A SYSTEMATIC REVIEW OF THESES AND DISSERTATIONS*

 <https://orcid.org/0000-0002-9310-4858>, Aline Conceição Carvalho Novais^A

 <https://orcid.org/0000-0001-5028-0889>, Osni Oliveira Noberto da Silva^B

^ASecretaria de Educação de Senhor do Bonfim, Senhor do Bonfim, BA, Brasil.

^BUniversidade do Estado da Bahia (UNEB), Jacobina, BA, Brasil.

Recebido em: 16 ago. 2022 **Aceito em:** 11 nov. 2022

Correspondência: Aline Novais (accnovais@gmail.com); Osni Silva (osni_edfisica@yahoo.com.br)

Resumo

Após o reconhecimento linguístico das línguas de sinais, a educação de surdos tem avançado no país e despertado atenção de pesquisadores acerca das práticas pedagógicas mais adequadas para garantir o processo de aprendizagem desses discentes. O presente trabalho teve como objetivo identificar pesquisas realizadas acerca da importância do uso de estratégias visuais para discentes surdos em escolas inclusivas no campo. Realizamos uma pesquisa bibliográfica que adotou como procedimento metodológico a Revisão Sistemática no catálogo de Teses e Dissertações da CAPES para localizarmos trabalhos realizados entre os anos de 2017 a 2021. Foram usados os descritores “Estratégias visuais”, “Surdos”, “Surdo”, “Surdez”, “Inclusão”, “Educação Inclusiva”, “Escolas no Campo”. Os primeiros resultados indicaram 934 pesquisas, após os critérios de exclusão esse número reduziu para 16 e por fim, 8 trabalhos foram analisados. A análise dos estudos apontou que apesar do avanço no campo educacional dos discentes surdos, ainda é necessário entendermos como o surdo apreende o mundo ao seu redor. Precisamos de mais investirmos em formação de professores para que possamos conhecer a importância do campo da visualidade para o processo de aprendizagem do surdo além de reelaborar nossas práticas utilizando diversas estratégias visuais.

Palavras-chave: Estratégias Visuais; surdos; inclusão; escolas no campo.

Abstract

After the linguistic recognition of sign languages, the education of the deaf has advanced in the country and aroused the attention of researchers about the most appropriate pedagogical practices to guarantee the learning process of these students. This study aimed to identify research carried out on the importance of using visual strategies for deaf students in inclusive schools in the countryside. We carried out a bibliographic research that adopted as a methodological procedure the Systematic Review in the CAPES Theses and Dissertations catalog to locate works carried out between the years 2017 to 2021. Deafness” “Inclusion”, “Inclusive Education”, “Schools in the Countryside”. The first results indicated 934 studies, after the exclusion criteria this number reduced to 16 and finally, 8 studies were analyzed. The analysis of the studies showed that despite the advance in the educational field of deaf students, it is still necessary to understand how the deaf perceive the world around them. We need to invest more in teacher training so



that we can understand the importance of the visual field for the learning process of the deaf, in addition to re-elaborating our practices using different visual strategies.

Keywords: Visual Strategies, Deaf people, Inclusion, Rural schools.

Introdução

Por muitas décadas, a educação de surdos ficou invisível aos olhos da sociedade, porém essa realidade tem mudado em virtude da visibilidade das Línguas de Sinais alcançada nos últimos anos e do crescente número de discentes surdos matriculados nas escolas regulares. Consequentemente, algumas dificuldades surgem nas escolas inclusivas e começam a despertar interesse dos pesquisadores para investigar e tentar solucionar os desafios enfrentados no processo educacional de um discente surdo.

Após a divulgação dos estudos de Willian Stokoe, linguista americano na década de 60, as línguas de sinais passaram a conquistar espaço lentamente na sociedade. Através de seus estudos, ele conseguiu demonstrar as evidências que “a língua de sinais dos surdos tem estrutura e função semelhante às demais línguas” (STOKOE, 1960). Foi um marco importantíssimo para comunidade surda mundial porque finalmente a sociedade é obrigada a reconhecer as línguas de sinais como uma língua que tem o mesmo status das línguas orais. A partir desse reconhecimento linguístico, a comunidade surda ganha força e passa a reivindicar respeito à sua língua, além de exigir acessibilidade linguísticas nos espaços sociais e consequentemente que ela seja utilizada na educação de surdos (HARRISON, 2004).

No Brasil, várias conquistas na legislação colaboraram para a valorização da Língua Brasileira de Sinais – Libras e da comunidade surda. Marco importante foi o reconhecimento da Libras como meio legal de comunicação e expressão de dos surdos brasileiros através da aprovação da Lei 10.436 e o Decreto nº 5.626 de 2005 estabeleceu vários pontos relacionados ao ensino de Libras e determinou a formação mínima para o professor, o instrutor e o tradutor/intérprete de Libras.

Todas essas conquistas acontecem paralelamente a um movimento nacional de incentivo à inclusão de alunos nas escolas de ensino regular. A escolarização dos sujeitos surdos tem promovido nas escolas reflexão acerca de suas práticas pedagógicas que nem sempre conseguem garantir o aprendizado de seus discentes surdos. CAMPOS (2008) alerta para importância do “reconhecimento dos aspectos didáticos e metodológicos adaptados à cultura surda e à língua de sinais, que são diferentes de uma aula destinada a

alunos ouvintes. Garantir o ingresso desses alunos surdos na escola é apenas uma das etapas do processo educacional.”

Educação Inclusiva não significa apenas ofertar o acesso às escolas (...), é necessário a formação específica para se trabalhar com esses alunos, e, também, saber lidar com as diferenças de cada aluno e interagir de forma correta com cada um deles”. O professor irá reconhecer a importância dos aspectos didáticos e metodológicos adaptados à cultura surda e à língua de sinais que são diferentes de uma aula destinada a alunos ouvintes (CAMPOS, 2008).

Machado (2006) realizou uma pesquisa com relatos de pessoas surdas apontando para o despreparo de professores para lidar com discentes surdos pois não utilizavam aspectos didático pedagógicos que priorizassem a experiência visual no processo de ensino e aprendizagem. Os recursos visuais são imprescindíveis para o aprendizado do discente surdo e devem ser utilizados em sala de aula exaustivamente visando despertar o interesse para os conteúdos trabalhados pelo professor.

Machado concluiu que além das dificuldades no processo pedagógico dos discentes surdos, há também sérias dificuldades de comunicação entre alunos e professores. Para o autor, “cabe à escola se adaptar às condições dos alunos e não aos alunos se adaptarem ao modelo da escola”. A escola não está conseguindo garantir o aprendizado dos surdos no ensino regular devido às dificuldades de ordem linguística e cultural.

Lacerda (2006) denuncia, um número significativo de sujeitos surdos passou por vários anos de escolarização, apresentam competência para aspectos muito além do desempenho dos alunos ouvintes, apesar de suas capacidades cognitivas iniciais serem semelhantes. A pesquisadora alerta que “ao final de anos de escolarização, a criança recebe o certificado escolar sem que tenha sido minimamente preparada para alcançar os conhecimentos que ela teria potencial para alcançar (em muitos casos, termina a oitava série com conhecimentos de língua portuguesa e matemática compatíveis com a terceira série).”

Reily (2003), Perlin (2003), Quadros (2003), Campelo (2007), Skliar (2015), Lebedeff (2017) são alguns dos autores que defendem a importância das estratégias visuais como a condição primordial para o processo educacional do sujeito surdo. Dantas e Almeida (2020) afirmam:

Para os surdos, o aspecto visual vai além de uma ilustração, visto que fornece informações determinantes para a sua compreensão. Logo, é

necessário ofertar-lhes uma diversidade de materialidade imagética carregada semanticamente de informações necessárias ao seu processo educacional.

Essa materialidade imagética que os autores citam, precisam fazer parte das atividades escolares para que o sujeito surdo consiga acessar o conhecimento discutido em sala de aula. Acreditamos que as experiências visuais linguísticas e culturais são a principal estratégia de letramento dos surdos e sua inserção social. (DANTAS; ALMEIDA, 2020).

O primeiro artefato da cultura surda é a experiência visual e, portanto, vai ser a condição para perceber o mundo ao seu redor e se reconhecer como membro de uma sociedade majoritariamente ouvinte. Strobel (2018) comenta:

O primeiro artefato da cultura surda é a experiência visual em que os sujeitos surdos percebem o mundo de maneira diferente, a qual provoca as reflexões de suas subjetividades: De onde viemos? O que somos? E para onde queremos ir? Qual é a nossa identidade?

O sujeito surdo compreende o mundo através da visão então na escola os professores precisam perceber que aquele discente com ausência de audição vai apreender os conteúdos através do uso de estratégias visuais ou de estímulos visuais. Perlin e Miranda (2003, p.218):

Experiência visual significa a utilização da visão, (em substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico.

Se realizarmos uma breve retrospectiva histórica acerca da experiência visual nos primeiros educadores surdos, iremos perceber que eles já utilizavam e exploravam essa particularidade do sujeito surdo. Dentre alguns deles, Carvalho (2007) destaca Frei Ponce de Leon (1520-1584) costumava utilizar um alfabeto manual para ajudar os surdos a soletrar as palavras e o abade francês Charles Michel de L'Épée (1712-1789) que apontava os objetos e ia escrevendo o nome deles na lousa.

Portanto, a partir dessa condição do sujeito surdo que percebe o mundo pelo campo visual é indispensável que as escolas inclusivas e os professores promovam estratégias visuais visando garantir o aprendizado escolar. Porém, autores como Skliar (2001) denunciam que a experiência visual não tem ocupado lugar de destaque no processo de escolarização dos surdos.

Partindo desse contexto escolar inclusivo que mesmo ciente da importância das experiências visuais para o sujeito surdo ignora as particularidades dele, surge o nosso trabalho de revisão que buscou investigar se a produção científica dos últimos 5 anos tem debatido as experiências escolares que privilegiem as estratégias visuais para os discentes surdos brasileiros.

Procedimentos Metodológicos

Este trabalho constituiu-se de uma pesquisa bibliográfica realizada com o procedimento metodológico Revisão Sistemática da Literatura que abordou a temática da importância do uso de estratégias visuais na educação inclusiva de discentes surdos que moram e estudam em áreas no campo. Para realizar a busca dos trabalhos, escolhemos o portal de catálogo de teses e dissertações da CAPES.

O levantamento realizado teve como foco o período compreendido entre os anos de 2017 a 2021. A busca dos dados ocorreu no mês de julho do ano de 2022, a partir dos seguintes descritores: “estratégias visuais”, “surdos”, “surdo” “surdez” “inclusão”, “educação inclusiva” e “escolas no campo”. Foram encontradas 934 dissertações e teses.

A concentração maior de pesquisas ocorreu com os descritores “surdos AND escola inclusiva” (511), seguida pelas combinações “surdos AND escolas no campo” (204) e estratégias visuais AND surdez” (127). As combinações de descritores com menos número de pesquisas foram “estratégias visuais AND surdos AND educação inclusiva” (52), “estratégias visuais AND surdos AND inclusão” (17), “estratégias visuais AND surdo” (21) e “surdos AND estratégias visuais AND escolas no campo” (2).

No processo de análise e leitura das pesquisas, notou-se que muitas vezes a temática abordada não condiz com os objetivos do nosso estudo. Então, foi necessário adotarmos critérios de inclusão – os trabalhos deveriam estar disponibilizados integralmente no Catálogo da Capes, publicados entre 2017-2021, deveriam tratar especificamente de educação de surdos em escolas inclusivas além de explorar o uso de estratégias ou recursos visuais; e dos critérios de exclusão – pesquisas que não estivessem integralmente na base de dados da Capes, trabalhos anteriores ao ano de 2017 e pesquisas que abordassem a educação de surdos em escolas bilíngues ou escolas especiais. Chegou-se ao número de 117 dissertações e teses para realizarmos a leitura e análise das pesquisas.

No decorrer da leitura dos resumos dessas pesquisas, percebeu-se ainda que vários trabalhos discutiam temáticas que apenas tangenciavam o tema educação de surdos, mas não abordavam as estratégias visuais no processo educacional de escolas inclusivas.

Portanto, foi necessário aplicar novamente os critérios de inclusão e exclusão para compor o quadro desse estudo.

Após a leitura dos resumos, da metodologia e conclusão das 16 pesquisas, percebemos que apenas 8 poderiam ser analisados por que iriam atender aos critérios estabelecidos, conforme quadro 1:

Quadro 1: Quadro síntese dos trabalhos selecionados para uma análise no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

Título	Autor	Instituição	Ano	Tipo de texto
O uso da imagem durante o processo de letramento de crianças surdas.	Karina Vieira dos Reis	Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP	2017	Dissertação
Imagem também se sinaliza: uma experiência de ensino de Artes Visuais para surdos	Janai de Abreu Pereira	Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC	2018	Tese
Pedagogia Visual na educação de surdos: análise dos recursos visuais inseridos em um livro didático digital acessível.	Ellen Midia Lima da Silva Gomes	Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ	2019	Dissertação
O ensino de Matemática: uma abordagem do MDC com alunos surdos.	Fábio Costa do Amaral	Fundação Universidade Federal do Tocantins - UFT	2019	Dissertação
Imagens em materiais didáticos impressos de ensino de Física para surdos.	Suzana Regina Braga Queiroz	Centro Federal de Educação Tecn. Celso Suckow da Fonseca - CEFET	2020	Dissertação
Ensinando História para educandos surdos em uma escola inclusiva: um ensino possível.	Paulo Roberto Martins da Silva	Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ	2020	Dissertação
Ensino de Sociologia e Estratégias Pedagógicas para alunos surdos no Ensino Médio.	Rosangela Ferreira de Melo.	Universidade Federal de Campina Grande - UFCG	2020	Dissertação
Proposta bilíngue de material didático para ampliação lexical de surdos sinalizantes.	Suzana Alves de Souza Soares	Universidade Federal Fluminense - UFF	2021	Dissertação

Fonte: Elaboração da pesquisadora a partir dos dados obtidos no banco de Teses e Dissertações da CAPES, 2022.

Análise dos Dados

As pesquisas selecionadas serão apresentadas a seguir, através de uma síntese acerca de seus aprofundamentos teóricos.

O trabalho de Reis (2017) não estava disponível na íntegra, mas através do resumo disponibilizado na plataforma da Capes, notou-se que foi explorado o conceito de Letramento Visual para investigar a importância do uso de imagens no processo de ensino de crianças surdas. A pesquisa foi de cunho qualitativo e participante, realizada com 3 discentes surdas do interior do estado de Minas Gerais, acompanhadas durante a leitura de um livro apenas com imagens e sem qualquer tipo de texto. Os dados foram registrados

através de filmagens e a autora concluiu que os discentes surdos demonstravam necessidade de descrever a imagem no momento em que a narrativa era contada em Libras.

A tese de Pereira (2018) apesar de estar ligada a um programa de Artes Visuais da Universidade de Santa Catarina, refere-se especificamente a práticas pedagógicas que irão destacar a relevância da visualidade surda propondo a imagem como elemento provocador de sentido no processo de ensino para discentes surdos. A metodologia adotada pela autora foi a Pesquisa Narrativa e dentre os objetivos do estudo estão destacar a importância da visualidade surda e o papel da imagem como uma estratégia para apreender sentidos. A autora defende que seu estudo pode contribuir tanto para o ensino de arte como para pesquisas que tenham interesse em leitura de imagens por discentes surdos.

O aporte teórico de Pereira (2018) apresenta contribuições importantes acerca do sujeito surdo como Strobel (2009) autora surda, Quadros; Karnopp (2004), Campelo (2008) também uma autora surda que explora a importância da Pedagogia Visual no processo de aprendizagem do discente surdo. São autores que compreendem as características da surdez e respeitam suas especificidades linguísticas e visuais. Além desses autores, a pesquisa adotou o aporte teórico da Semiótica Discursiva e aporte sociointeracionista de Vygotsky para discutir a relevância do processo interacional na educação.

Pereira conclui sua tese acreditando “ter levantado razões concretas para um novo olhar sobre a leitura de imagem na educação de surdos, sobretudo nos subsídios da Semiótica Discursiva Visual, que se mostrou uma forma satisfatória minimizar as barreiras educacionais em artes visuais vivenciados por esse público.” O seu texto conclui afirmando que devido à escassez de referências bibliográficas e de documentação bibliográfica sobre esse tema no Brasil, acredita bastante no pioneirismo e na importância de sua pesquisa para comprovar as barreiras educacionais enfrentadas por os discentes surdos nas escolas do país.

A dissertação de Amaral (2019) discutiu a importância de recursos visuais, materiais concretos e manipuláveis no ensino de Matemática para quatro discentes surdos. O pesquisador destacou o maior desafio percebido por ele e pelos alunos surdos durante as aulas foi a falta de comunicação, tornando-se uma barreira para processo de ensino-aprendizagem. Porém, após o auxílio do intérprete de Libras, a comunicação e a mediação foram viabilizando contribuindo para o alcance dos objetivos almejados.

Outro aspecto destacado por Amaral em sua pesquisa foi perceber que apesar dos alunos surdos estarem na última fase do Ensino Fundamental ainda não demonstraram os pré-requisitos básicos das operações matemáticas. A partir dessa informação, o pesquisador buscou desenvolver atividades para estimular os conhecimentos que não foram adquiridos ao longo de sua vida escolar. Para isso, além da garantia da presença da Libras nas aulas com o auxílio do profissional intérprete, Amaral destacou a importância das estratégias visuais utilizando diversos materiais como vídeos, objetos concretos e manipuláveis para trabalhar conceitos matemáticos.

Amaral verificou que a utilização de estratégias visuais e de materiais concretos “como recursos didáticos contribuíram na percepção visuais agindo como meio facilitador, tornando-se assim um elemento quase indispensável no processo de ensino e aprendizagem significativo” para os discentes surdos. Portanto, o trabalho dele é de suma importância para melhoria da prática pedagógica de professores de matemática que tem discentes surdos, mas também serve de inspiração para professores de outras disciplinas porque pode inspirar práticas inclusivas e visuais mais adequadas ao campo da surdez.

Queiroz (2020) buscou verificar em sua pesquisa de Mestrado as funções que as imagens desempenham em materiais didáticos elaborados por um professor de Física para discentes surdos e em um livro didático. O autor realizou análises das imagens encontradas utilizando categorias propostas pelos autores Calado e Reily e delimitou seu trabalho em forma de pesquisa bibliográfica. Porém, como analisou também uma apostila impressa elaborada por um professor de Física, trata-se também de uma pesquisa documental.

A escolha dos temas de Física utilizados para a análise do material ocorreu pela maior presença de imagens no material elaborado pelo professor para só depois comparar analisando os mesmos temas nos livros didáticos da Coleção “Física, Ciência e Tecnologia.

Queiroz concluiu sua análise informando que o professor de Física que cedeu o material elaborado por ele parecia buscar “facilitar” o processo de ensino e aprendizagem desconhecendo o universo de possibilidade para explorar as imagens visando a inclusão efetiva dos discentes surdos. Além disso, notou-se que o número de páginas é bem reduzido quando comparado com o número de páginas do livro didático. Parecia um registro visual bem resumido do conteúdo que seria estudado pelos discentes. Quanto aos livros didáticos adotados pela escola e aprovados pelo PNLD, poucas funções de imagem por apresentadas.

Silva (2020) abordou em sua pesquisa o ensino de História para discentes surdos em escolas inclusivas do Ensino Fundamental II apontando que são inúmeros os obstáculos, dentre eles a predominância nas metodologias pedagógicas orais. O estudo propôs-se a partir das contribuições da Semiótica Imagética, uma metodologia didática diferenciada que irá favorecer o processo de ensino e aprendizagem para discentes surdos de turmas do 9º Ensino Fundamental. A construção metodológica se fundamentou a partir da experiência de professores de História que lecionam no Rio de Janeiro, que tiveram seus depoimentos colhidos e analisados a partir dos pressupostos metodológicos da História Oral.

O autor relatou que durante a pesquisa percebeu a necessidade de explorar o saber histórico e adaptá-lo não só ao contexto educacional, mas essencialmente à especificidade do surdo que é a visualidade. Além disso, a dissertação apresenta no capítulo 5 uma valiosa contribuição para os professores de História com um material didático que tem conteúdo histórico adaptado direcionado para o ensino de alunos surdos. Ele usa como exemplo o gênero charge para explorar o conteúdo Primeira República. A charge será apresentada como signo de um determinado período histórico a partir do processo de análise de fontes históricas imagéticas.

No decorrer do capítulo 5, ele sugere três momentos pensados com base na semiótica imagética que poderão ser exploradas pelo professor de História: primeiro seria a busca de ícones, o segundo momento é a do índice em que os discentes irão associar o que enxergam na charge com as suas experiências de vida e o por fim, o terceiro momento que é o do símbolo onde o professor irá contextualizar relacionando com o conteúdo de história que está sendo explorado. O propósito é “vincular a prática dos processos de identificação, comparação, contextualização, interpretação e análise de fontes históricas em uma sala de aula inclusiva com educandos surdos através da metodologia didática diferenciada.

Melo (2020) demonstra preocupação com a disciplina Sociologia ministrada a alunos do Ensino Médio que estão em processo de finalização da educação básica e prestes a ter que fazer escolhas acerca do futuro profissional. Para os discentes surdos, o conteúdo em Libras ainda é escasso e surge a discussão acerca da inclusão desses alunos nas aulas de Sociologia percebendo-se a inexistência de estratégias pedagógicas adequadas para garantir a aprendizagem.

A autora realizou um estudo exploratório com abordagem bibliográfica, utilizando uma pesquisa-ação para coleta de dados visando discutir a inclusão de alunos surdos nas

aulas de Sociologia em turmas de Ensino Médio. Os pesquisadores escolhidos por Melo, abordam questões relacionadas à inclusão, marcos legais, e as responsabilidades políticas sociais e à surdez como Nascimento (2007), Mantoan (2003), Foucault (1998), Weber (1996), Goffman (1988), Quadros (2008), Perlin (1998), Strobel (2007), Campello (2007), Skliar (2001) entre outros.

Destaque da pesquisa de Melo (2020) foi no foco de jogos, ancorados na Tecnologia Assistiva (TA), Metodologia Ativa (MA) e as tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) além dos recursos visuais na adaptação de material para a acessibilidade do surdo. É uma pesquisa importante para os professores de Sociologia, mas que também podem inspirar professores de outras disciplinas em virtude do incentivo para que os docentes possam incorporar em sua prática pedagógica ferramentas visuais que contribuam para minimizar a exclusão do discente surdo.

A pesquisa de Soares (2021) objetivou a criação de um material visual bilíngue para ampliação lexical de discentes surdos. É um trabalho muito importante para educação de surdos em virtude da escassez de material didático visual que possa auxiliar professores visando a aquisição da Língua Portuguesa escrita como segunda língua.

A autora utiliza como metodologia a pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. Na fundamentação teórica, utilizou os seguintes referenciais: acerca da história da educação de surdos utilizou Carvalho (2007), Rocha (2008), acerca da importância da língua de sinais para o surdo e sobre o ensino da língua portuguesa, citou Cruz e Prado (2018), Macedo (2017), Fernandes (2006), Vygotsky (1991), Quadros (1997), alfabetização e letramento e gêneros textuais utilizou Mortatti (2006), Santos e Mendonça (2007), Ferreiro (1986) e Paulo Freire.

O material criado pela autora é formado por um livro de consulta com imagens, nomes, desenhos dos sinais em Libras e códigos de QR CODE para visualização em Libras, além de uma história e atividades de jogos. Além desse material didático, a autora compartilha sugestões de aulas com o gênero textual escolhido encarte de hortifrúti para que professores de Língua Portuguesa possam se inspirar e planejar suas atividades.

Considerações

Propusemos neste artigo analisar as pesquisas de Mestrado e Doutorado realizados no Brasil nos últimos 5 anos acerca do uso de estratégias visuais nas escolas inclusivas de discentes surdos que estudam em áreas no Campo.

Porém, mesmo após décadas de luta pelos direitos educacionais dos sujeitos surdos, ainda são escassos o número de estudos acerca de materiais didáticos visuais e/ou de estratégias visuais para educação inclusiva de discentes surdos. A legislação vigente garante o ingresso e permanências nas escolas, mas o processo de aprendizado ainda é muito distante do ideal e por essa razão, é muito importante que estudos sejam realizados e divulgados acerca do uso de metodologias visuais adequadas que colaborem para o processo de aprendizado do sujeito surdo.

Durante a análise, encontramos vários trabalhos acerca de propostas pedagógicas para escolas bilíngues, mas pouquíssimos trabalhos voltados para estratégias visuais para escolas inclusivas que tem alunos surdos. Sabe-se que o número de escolas bilíngues no país é reduzido e que nas cidades pequenas brasileiras são poucos profissionais bilíngues disponíveis para atender a demanda da comunidade surda brasileira.

Portanto, é urgente a necessidade para debatermos as questões de ensino para discentes surdos em escolas inclusivas. Quando direcionamos o nosso olhar de pesquisadora para as escolas inclusivas em regiões no campo ou de contextos rurais, a situação é mais delicada porque muitos surdos se encontram em processo de isolamento linguístico, o que dificulta ainda mais o seu processo de escolarização. Strobel (2018) relata sua preocupação acerca deles quando cita:

A língua de sinais é um aspecto fundamental da cultura surda. No entanto, incluem-se também os gestos denominados “sinais emergentes” ou “sinais caseiros” dos sujeitos surdos de zonas rurais ou sujeitos surdos isolados de comunidades surdas, que procuram entender o mundo através dos experimentos visuais e procuram comunicar-se apontando e criando sinais, (...) (p.52).

Os surdos citados por Strobel vivem a mesma realidade dos surdos citados em algumas pesquisas analisadas nessa Revisão Sistemática. A pesquisa de Amaral (2019) chama atenção para esse aspecto quando cita sua dificuldade na interação com os discentes surdos, mesmo com a presença do interprete de Libras, a barreira na comunicação era grande em virtude da falta de fluência dos discentes em sua língua materna. Porém, quando ele usou estratégias visuais com diversos materiais para trabalhar conceitos de Matemática, foi possível ver o avanço no processo de aprendizagem.

Precisamos dialogar com os professores das escolas inclusivas para evitarmos a repetição do processo de “facilitar a aprendizagem” de discentes surdos como foi citado no trabalho de Queiroz (2020). “Resumir o conteúdo” de Física ou “reduzir o número de páginas” foram algum dos termos utilizados por Queiroz para refletirmos acerca das

dificuldades enfrentadas pelos professores de Física ao se deparar com discentes surdos em sala de aula. Além disso, o autor também alertou para outro aspecto muito importante que é a análise dos livros didáticos que apresentam poucas imagens para uma disciplina tão complexa como a de Física.

Identificamos pesquisas nas áreas de ensino de Artes, Matemática, História, Sociologia e Língua Portuguesa demonstrando assim a necessidade de investigarmos e debatermos estratégias visuais adequadas para a educação de discentes surdos.

Interessante notarmos que os professores de diversas áreas estão se movimentando e criando seu próprio material didático voltado a discentes surdos. São materiais ricos que precisam ser divulgados para que possam inspirar outros profissionais e que também podem ser ajustados para a realidade de cada escola. Todos os materiais investigados exploram bastante o uso de imagens e destacam a necessidade de investir nas estratégias visuais para colaborar para o processo de aprendizagem dos discentes surdos.

Portanto, após a realização desse Revisão Sistemática, percebeu-se que ainda são poucos estudos que explorem a importância das estratégias visuais na educação de surdos. As escolas inclusivas precisam propiciar estratégias pedagógicas adequadas e significativas para os discentes surdos para que eles tenham acesso ao mesmo conhecimento disponibilizado aos discentes ouvintes.

Referências

AMARAL, Fábio Costa do. O ensino de Matemática: uma abordagem do MDC com alunos surdos. 2019. 88 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Matemática) - Fundação Universidade Federal do Tocantins, Araraquã, 2019.

BRASIL. *Lei nº10.436 de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 25 abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: 10 de julho de 2022.

BRASIL. *Decreto 5.626*. Regulamenta a Lei nº10.436 de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, e o art. 18 da Lei nº10.098 de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 23 dez. 2005. Acesso em: 10 de julho de 2022.

BARRAL, Julia; SILVA, Flavio Eduardo Pinto; RUMJANEK, Vivian M. *Vendo e Aprendendo*. In: LEBEDEFF, T. B. (Org.). *Letramento visual e surdez*. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2017, p. 95-121.

CAMPELLO, A. R. S. *Aspectos da visualidade na educação de surdos*. 2008. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2008

- CAMPOS, M. L. I. L. *Cultura Surda: Possível sobrevivência no campo da inclusão na escola regular?* Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Educação. Centro de Ciências e Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- DANTAS, E. V. do N.; ALMEIDA, W. G. Argumentatividade Visual dos Surdos: perspectiva de letramento. In: SANSÃO, W.V.S.; VILELA, C. N. V.; SANTOS, A. C. (Orgs) *Educação de Surdos Olhares Multidisciplinares*. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.
- GOMES, Ellen Midia Lima da Silva. *Pedagogia Visual na educação de surdos: análise dos recursos visuais inseridos em um livro didático digital acessível*. 2019. 118 f. Dissertação (Programa em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2019.
- LACERDA, C. B. F. *A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência*. Cad. Cedes: Educação, Surdez e Inclusão Social, Campinas, v. 26, n. 69, p. 163-184, 2006
- LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F. dos; CAETANO, J. F. *Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos*. In: LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F. dos (Org.) *Tenho um aluno surdo, e agora?: Introdução à LIBRAS e educação de surdos*. São Carlos: EdUFSCar, 2014. Cap. 11, p.185-200
- LEBEDEFF, T. B. *O povo do olho: uma discussão sobre a experiência visual e surdez*. In: LEBEDEFF, T. B. (Org.). *Letramento visual e surdez*. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2017, p. 226-251.
- MACHADO, P. C. *Integração/inclusão na escola regular: um olhar do egresso surdo*. In: QUADROS, R.M. (Org.) *Estudos surdos I*. Petrópolis: Arara Azul, 2006.
- MELO, Rosangela Ferreira de. *Ensino de Sociologia e Estratégias Pedagógicas para alunos surdos no Ensino Médio*. 2020. 129 f. Dissertação (Ensino de Sociologia) Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2020.
- PEREIRA, Janaí de Abreu. *Imagem também se sinaliza: uma experiência de ensino de Artes Visuais para surdos*. 2018. 181 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) CENTRO DE ARTES, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- PERLIN, Gladis; MIRANDA, Wilson. *Surdos: o narras e a política*. Revista de Educação e processos Inclusivos, UFSC/CED/NUP, Florianópolis, n.5, 2003.
- QUEIROZ, Suzana Regina Braga. *Imagens em materiais didáticos impressos de ensino de física para surdos*. 2020.70 f. Dissertação (Ciência, Tecnologia e Educação) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET, Rio de Janeiro, 2020.
- REIS, Karina Vieira dos. *O uso da imagem durante o processo de letramento de crianças surdas*. 2017. 77 f. Dissertação. (Mestrado em SAÚDE, Interdisciplinaridade e Reabilitação), Universidade Estadual de Campinas, 2017.
- SILVA, Paulo Roberto Martins da. *Ensinando História para educandos para surdos em uma escola inclusiva: um ensino possível*. 2020. 279 f. Dissertação (Ensino de História), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- SOARES, Suzana Alves de Souza. *Proposta bilíngue de material didático para ampliação lexical de surdos sinalizantes*. 2021. 105 f. Dissertação (Diversidade e Inclusão) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

STOKOE, W. C. *Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf*. Studies in Linguistics, Buffalo, 1960. (Occasional papers, n.8)

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.